

A anglicização do português brasileiro: Por uma política de preservação da língua - Oliveira R. Simões *

Bye bye, Brasil
A última ficha caiu
Eu penso em vocês night and day
Explica que tá tudo okay

- Chico Buarque de Hollanda

No final dos anos 70, quando Chico Buarque compôs *Bye bye, Brasil* para a trilha sonora do filme homônimo de Cacá Diegues, o Brasil se encontrava sob a ditadura militar e os generais davam os primeiros sinais de estar perdendo as rédeas do país. Agravado pela crise econômica com inflação na casa dos três dígitos e afundado num mar de corrupção e escândalos financeiros, o último governo militar foi marcado por greves em todo o país e pela confrontação direta com a sociedade civil. João Batista Figueiredo ficou na história como o presidente que disse preferir o cheiro dos seus cavalos ao cheiro do povo. Em várias ocasiões foi vaiado em público. A sociedade brasileira dava um basta na ditadura à medida que o país clamava pelo fim da censura e pela volta da democracia. Paralelamente, Chico Buarque dava adeus a um Brasil nativista, já que o novo país havia herdado o duro legado da Guerra Fria, com marcante influência anglo-americana nas suas mais diversas manifestações culturais: “Já tem fliperama em Macau”, “O chefe dos parintintins / Vidrou na minha calça Lee / Eu vi uns patins pra você”, “Eu vou me mandar de trenó / Pra Rua do Sol, Maceió”, “No Tabariz, o som é que nem dos Bee Gees”, “Baby, bye bye / Abraços na mãe e no pai”. Exponente da resistência à ditadura, Chico desabafa: “Eu tenho saudades da nossa canção / Saudades de roça e sertão”, “Eu quero voltar, podes crer”. O “eu poético” na canção confunde-se com sua própria trajetória de vida: Chico viveu exilado na Itália durante vários anos.

Bye bye, Brasil foi um marco histórico na produção cultural do Brasil, mostrando um país em transformação. Apesar dos avanços democráticos e das conquistas sociais dos últimos anos, a Nação continua vítima do colonialismo cultural vigente. Basta pegar o jornal do dia ou entrar na Internet para se constatar a avalanche de anglicismos que estão, aos poucos, destruindo a nossa “bela língua portuguesa” (para citar um ex-aluno, norte-americano, em uma das minhas turmas de português na Universidade do Arizona). Infelizmente, a iniciativa do deputado Aldo Rebelo de criar uma lei em defesa do idioma tem encontrado uma forte resistência por parte de alguns setores intelectuais da sociedade brasileira e, principalmente, dos meios de comunicação de massa.

A mente colonizada é um satélite a girar em torno de alguma estrela no universo linguístico. Por não ter brilho próprio, ela toma emprestado o brilho do vizinho e o incorpora como se fosse seu. Neste processo, ela causa colisões de toda ordem, desfigurando a paisagem linguística por onde passa. Como exemplos, cito a bizarra pluralização de *mouse*, que virou *mouses* (sic) no português/inglês brasileiro, a pluralização de *software*, a substantivação do adjetivo *outdoor* para designar o que os anglo-falantes chamam de *billboard*, e o uso do sufixo “son” em nomes como Édson, Edmílson, Jeférson, etc. (No inglês são patronímicos com função de sobrenome.)

A questão do colonialismo cultural não é nova mas parece ter-se agravado com a crescente globalização nas últimas décadas. Já no século XIX os intelectuais brasileiros mandavam os filhos estudarem na Europa, de onde voltavam fazendo biquinho, com uma educação tipicamente *française*. As obras de José de Alencar, por exemplo, são recheadas de francesismos já que, na época, o francês era a língua dominante. Algumas expressões são preservadas até hoje, e.g. *abajur* ao invés de *quebra-luz*. Consagrou-se a ideia de que era *chic* incorporar palavras estrangeiras ao nosso léxico. Esta mentalidade persiste até os dias de hoje. A Semana de Arte Moderna no início do século passado inseriu a brasilidade na ordem do dia mas não foi suficiente para romper com o colonialismo linguístico-cultural.

Não se pode negar que a língua é um organismo vivo e, sendo assim, está sujeita a transformações. Assim como os seus falantes, as línguas nascem, crescem e morrem. O grego e o latim clássicos são bons exemplos dessa organicidade. No entanto, é preciso entender que nenhuma cultura sobrevive quando subtraída do seu contexto linguístico. Caetano Veloso afirmou sabiamente em uma de suas canções, “Minha pátria é minha língua.”

O que vemos no Brasil de hoje é uma tentativa sistemática de aniquilamento da língua portuguesa. Um número crescente de estrangeirismos – sobretudo de origem inglesa – estão entrando em nosso vernáculo sem pedir licença. Já não se usa mais grafá-los em itálico. Os centros formadores de opinião pública parecem não se dar mais o trabalho de tentar encontrar equivalentes no português, preferindo simplesmente a nova prática do *copiar e colar*. Veja, por exemplo, esta manchete no portal do Universo Online no dia 17 de junho de 2010: “Fashionistas exibem looks no São Paulo Fashion Week”. Como podemos aceitar dos nossos meios de comunicação tamanha banalidade linguística?

Não estou sugerindo que devemos reinventar a *pizza* ou jogar *ludopédio* no lugar do futebol. Pureza linguística é uma utopia. Por outro lado, não há razões lógicas nem práticas para a adoção de estrangeirismos em detrimento de vocábulos e expressões que já existem em português para designar o mesmo conceito, e.g. *home delivery* no lugar de *entrega a domicílio*. E para os termos sem correspondentes no português, por que não fazer uma revisão no sentido de propor alternativas e/ou correções? Por exemplo, *painel publicitário* poderia muito bem substituir *outdoor*, *bolsa de ar* traduz com exatidão o conceito de *airbag*, e assim por diante. (Veja lista abaixo.)

Precisamos urgentemente de uma política nacional que vise a preservar a nossa língua, falada e escrita, enquanto patrimônio cultural. Se a França conseguiu isso, por que não o Brasil? Não podemos permitir que a nossa identidade cultural seja jogada na lata do lixo pelos magnatas da mídia. Assim, evitaremos a dor de cabeça de ter que andar com um dicionário bilingue à tiracolo toda vez que precisamos ler algo em nosso próprio idioma!

O artigo 13 da atual Constituição Brasileira é bem claro: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.” Portanto, o uso da língua é também uma questão constitucional que deveria ser respaldada pelas diversas instituições do Estado brasileiro ao invés de ser deixado ao bel prazer de uma elite. É um direito que cada brasileiro tem: o de comunicar e ser comunicado em sua língua natal.

Enquanto não ocorrem mudanças institucionais que busquem preservar e revitalizar o uso da língua pátria no Brasil, nada impede que cada um de nós, brasileiros, cobremos dos meios de comunicação, dos políticos e de nós mesmos um maior comprometimento com a cultura e os valores nacionais. Assim, estaremos exercendo o nosso pleno direito à cidadania.

Lista Parcial das Mudanças Linguísticas no Português Brasileiro:

Antigamente	Hoje em dia
acampamento	camping
adicionar	add
admirador	fã
animal de estimação	pet
apagar	deletar
apelido, pseudônimo	nick (de nickname)
averiguar	checar
axé (música)	axé music

baixar, descarregar	fazer download
bate-papo	chat
bolacha, biscoito	cookie
Caramba!	Uau!
cardápio	menu
caso amoroso, romance	affair
centro comercial	shopping center
cinema em casa	home theater
compacto (i.e. disco compacto)	single
compras	shopping
conjunto musical	banda
desempenho	performance
desenho	design
desfile	parada
dia das bruxas	halloween
dietético	diet (e.g. coca diet)
direitos autorais	copyright, copirraite
disco rígido	hard drive
entrega	delivery
escanteio (no futebol)	córner
espetáculo	show
Estados Unidos, EUA	América ¹
fita de vídeo	videocassete
fotocópia	xerox, xerocar (verbo)
história em quadrinho	cartoon, cartunista (quem faz)
homossexual	gay
impugnação de mandato	impeachment
irmão	brother, bro
jogo de vídeo	game, video game
latino-americano	latino ²
leve	light (e.g. cigarro light)
livro de bolso	livro em formato pocket
livro mais vendido	best-seller
ligação (Informática)	link
medicamento	medicação

¹ Historicamente falando, o termo *América* foi utilizado pela primeira vez para se referir a terras do nordeste brasileiro. Eventualmente, passou a designar todo o continente americano e hoje em dia é usado, ainda que raras vezes, em referência aos Estados Unidos da América. Fonte: *Wikipedia*

² Geralmente utilizado nos Estados Unidos em referência aos povos latino-americanos, o termo *latino*, por si só, nega a americanidade deste grupo étnico, tendo em vista que outros grupos são geralmente denominados por formas compostas, e.g. ítalo-americano, nativo-americano, irlandês-americano, russo-americano, etc. Neste sentido, é um termo politicamente incorreto.

máquina fotográfica	cam, câmara
meios de comunicação de massa	mídia, média (em Portugal)
mensagem eletrônica	email, e-mail
mercadologia	marketing
mistura	remix, mixagem
moda	fashion
modista	fashionista
mostrador (de um relógio)	display
música popular	pop, música pop
música mundial	world music
música sertaneja (americana)	música country
na semana passada	semana passada
norte-americano, estadunidense	americano
oficina (Educação)	workshop
opa	ooops
oportunidade	chance
os primeiros 10 colocados	top 10
página principal (Informática)	home page
papel de parede	wallpaper
passagem, bilhete	ticket, tíquete
pasta, arquivo	portfólio
patim	skate
penalidade (no futebol)	pênalti
penteadado	hair style
perua	van
pichação	graffiti
prova, teste	quiz
pugilismo	boxe
pugilista	boxeador
realização de (um filme)	making of (de um filme)
Rede	Internet
regravação (de música)	remake
reprise	replay
rodada	round
roteiro	script
saguão (de hotel)	lobby
sítio (na acepção de lugar)	site
sofisticado	chic
solicitação (de emprego)	aplicação
sucesso musical	hit
supermodelo	top (de <i>top model</i>)

tchau, até logo	bye
trabalhador autônomo	free lancer
troca de casais	suingue, swing
tudo bem	ok
turnê, giro	tour
vaqueiro	caubói
Velho Oeste	faroeste (de far west)
vencer (e.g. o Brasil venceu a Argentina)	bater
visual	look
?	AIDS (acquired immune deficiency syndrome)
?	airbag
?	AM (amplitude modulated)
?	baby beef
?	banana split
?	banner (Internet)
?	bar
?	basquetebol
?	Big Bang
?	blitz, blitze
?	blog (de web log)
?	Bluetooth™
?	Blu-ray™
?	buffet
?	bullying
?	bungee jumping
?	CD (compact disk)
?	check-in
?	chip, microchip
?	clicar
?	clube
?	commodities
:	contêinere
?	copyleft
?	cosplay (de <i>costume play</i>)
?	cyber café
?	desktop
?	DJ (disc jockey)
?	doping
?	drag queen
?	drive-thru
?	drops

?	DVD (digital video disk)
?	emoticon
?	escanear
?	fast food
?	feedback
?	firewall
?	flight dance
?	FM (frequency modulated)
?	fotolog
?	frost-free
?	full screen
?	futebol
?	glamour
?	gol
?	grid de largada (Automobilismo)
?	hacker
?	handebol, andebol (em Portugal)
?	happy hour
?	hardware
?	HD (high definition)
?	hat trick (futebol)
?	headset
?	insight
?	Internet banking
?	kit
?	LAN house
?	laptop
?	layout
?	login
?	LP (long play)
?	milk shake
?	motoboy
?	mouse (de computador)
?	multiplayer
?	netbook
?	notebook
?	nuggets
?	offline, off-line
?	online, on-line
?	outdoor
?	PC (personal computer)

?	pen drive
?	personal trainer
?	pet shop
?	piercing
?	pilates
?	pin-up
?	pingue-pongue
?	pit bull
?	placar
?	playback
?	playboy
?	plugue, plugar (verbo)
?	pole position
?	pop star
?	pub
?	rafting
?	ranking
?	rapper
?	reality show
?	recall
?	refill
?	rock'n roll
?	royalties
?	safety car
?	self-service
?	serial killer
?	sex shop
?	sexy
?	silk-screen
?	software
?	smart phone
?	spam
?	stand
?	standy-by
?	stand-up (e.g. comédia stand-up)
?	surf, surfar (verbo)
?	tie-break
?	toilette
?	VIP (very important person)
?	trailer (de um filme)
?	Voip (voice over IP)

?	voleibol
?	walkie talkie
?	WC (water closet)
?	webmaster
?	wide screen
?	Wi-Fi
?	wireless (e.g. roteador wireless)
?	yoga hot

Palavras-chave:

influência do inglês no português brasileiro, colonialismo cultural, anglicanização do português brasileiro, empréstimos do inglês, palavras inglesas usadas em português, tradução inglês português, problemas técnicos da tradução

* Oliveira R. Simões é formado em tradução e interpretação (especializações inglês/português) pelo Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero) em São Paulo. Trabalhou como tradutor autônomo nos Estados Unidos, onde fez Mestrado em Inglês como Segundo Idioma pela Universidade do Arizona. Lecionou inglês e português durante vários anos. Atualmente, exerce a função de especialista em tecnologias de apoio para pessoas com deficiências auditivas e visuais.

Colaboraram com exemplos para este ensaio: Marcela Rios, Maria Carmen Clemente, Olivia Ramos, Virginia Moeking e Maria do Socorro Clark.

O autor agradece a divulgação deste artigo através de ligação (“link”) com esta página. Fica proibida a reprodução total ou parcial do mesmo sem a autorização expressa do autor. Endereço para correspondência: olisimoes@yahoo.com

© Oliveira R. Simões – Todos os direitos reservados